

PESQUISA BIOGRÁFICA¹ NO ESTUDO DE MIGRAÇÕES: DIÁLOGOS TEÓRICO-PRÁTICOS NO HORIZONTE DE UMA UTOPIA CONCRETA

■ ELSA LECHNER

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

RESUMO

Partindo de um enquadramento geral do relevo adquirido pelas questões ‘biográficas’ e das ‘migrações’ no panorama social e científico atual, este texto visa desenhar uma coerência teórico-prática do trabalho de pesquisa sobre migrações a partir de enfoques e métodos biográficos nas ciências sociais. Ancorado em experiências de investigação etnográfica realizadas junto de migrantes em diversos contextos (portugueses da diáspora, imigrantes e refugiados de origens muito diferentes em Portugal), o argumento apresentado defende a pertinência analítica e social das histórias de vida e relatos biográficos e autobiográficos de quem viveu ou vive na pele a experiência da migração. Partimos do pressuposto segundo o qual aquilo que cada narrador de uma experiência migratória possa dizer sobre si e sobre a sua identidade ou condição migrante, não coincide necessariamente com os discursos institucionais, mediáticos, dominantes sobre essa mesma identidade ou situação. E que o que falta para aproximar estes dois mundos distantes é uma aproximação entre os seus protagonistas aquém e além dos respetivos estatutos sociais, sem os descuidar na análise. Esta reflexão recorre à corrente das histórias de vida em formação bem como aos contributos da filosofia hermenêutica contemporânea, concluindo que a própria pesquisa biográfica junto de migrantes e refugiados revela-se um contexto de transformação social, mesmo que situacional.

Palavras-chave: Migrações. Pesquisa biográfica. Utopia concreta.

ABSTRACT

BIOGRAPHICAL RESEARCH FOR THE STUDY OF MIGRATIONS: PRACTICAL THEORETICAL DIALOGUES IN THE HORIZON OF A CONCRETE UTOPIA

This text aims at depicting a theoretical practical coherence of biographical research for the study of migrations. It focuses on the gen-

¹ Incluo nesta designação materiais de análise e interpretação (auto)biográficos produzidos pelos nossos interlocutores de terreno. Assim, ao longo do texto a designação ‘pesquisa biográfica’ refere-se igualmente ao domínio do estudo de narrativas autobiográficas.

eral relevance acquired by biographical approaches and the question of migrations in the present scientific and social scenarios. Drawing from ethnographic research among migrants in different contexts (Portuguese diasporic communities, immigrants and refugees from many different origins in Portugal), the argument defends the analytical and social pertinence of life stories and biographical narratives of concrete interlocutors having an experience of migration. Observing that migrants' private narratives or testimonials are often dissonant to most institutional discourses, we advocate for a public awareness of how important is to get closer to social difference and personal testimonials. The current of life stories in education and contemporary hermeneutic philosophy help us to conclude that biographical research in itself is a context of potential social transformation.

Keywords: Migrations. Biographical research. Concrete utopia.

RESUMEN **INVESTIGACIÓN BIOGRÁFICA EN EL ESTUDIO DE LAS MIGRACIONES: DIÁLOGOS TEÓRICO PRÁCTICOS EN EL HORIZONTE DE UNA UTOPIA CONCRETA**

A partir de un marco general del relieve adquirido por las cuestiones 'biográficas' y de las 'migraciones' en el panorama social y científico actual, este texto tiene en la mira diseñar una coherencia teórico-práctica del trabajo de investigación sobre migraciones a partir de enfoques y métodos biográficos en las ciencias sociales. Anclado en experiencias de investigación etnográfica realizadas con los migrantes en diferentes contextos (portugueses la diáspora, los inmigrantes y refugiados de origen muy diferente en Portugal), el argumento presentado defiende la pertinencia analítica y social de las historias de vida y de los relatos biográficos y autobiográficos de quien vivió o vive en la piel la experiencia de la migración. Partimos del presupuesto según el cual aquello que cada narrador de una experiencia migratoria puede decir sobre sí o sobre su identidad o condición de migrante, no coincide, necesariamente, con los discursos institucionales, mediáticos, dominantes sobre esa misma identidad o condición. Lo que falta para aproximar estos dos mundos lejanos es una aproximación entre sus protagonistas más allá de los respectivos estatutos sociales, pero sin descuidarlos. Esta reflexión recurre a la corriente de las historias de vida en formación, así como a las contribuciones de la filosofía hermenéutica contemporánea, concluyendo que la propia investigación biográfica relativa a migrantes y refugiados se revela en un contexto de transformación social, incluso situacional.

Palabras clave: Migraciones, investigación biográfica, utopía concreta.

Introdução

Se a ‘tendência ou volta biográfica’ é uma evidência no panorama atual da investigação em ciências sociais e humanidades (RENDERS et al., 2017), o estudo com e sobre objetos biográficos de análise reveste-se de uma importância biopolítica que merece atenção aprofundada no mesmíssimo contexto científico e acadêmico. Vivemos hoje num mundo marcado por um estado de exceção (AGAMBEN, 2004), caracterizado por arbitrariedades políticas que se valem da lei para exercer um poder divorciado dos valores de justiça e igualdade no próprio seio de governos democráticos. Está em causa uma ordem política mundial que enfrenta os desafios criados pela chamada globalização (e respetiva mobilidade de pessoas e bens), de forma defensiva e securitária, aliando-se a discursos nacionalistas e xenófobos defensores do ódio e da intolerância. Contemporâneo do maior movimento migratório de sempre registado no nosso planeta, onde o número de migrações voluntárias e forçadas atinge os 66 milhões de pessoas de acordo com dados da OIM (2017), este cenário complica a vida e coexistência entre migrantes, refugiados e nacionais na maioria dos países recetores e de passagem, levantando questões políticas, jurídicas, culturais, de valores e ideais sociais.

O modelo securitário materializado na vigilância de fronteiras, na construção de muros e de vedações materiais e simbólicas em várias zonas do globo, traça linhas abissais (SANTOS, 2007) entre diferentes cidadãos do mundo criminalizando os movimentos migratórios e as existências de migrantes voluntários e involuntários. Na verdade, é mais rigoroso falar neste contexto em migrações ilegalizadas do que em migrantes ilegais (WORM, 2017), sendo que em decorrência dessa criminalização se observam avultados lucros comerciais e financeiros no domínio da indústria da segurança, indústria

das armas e da guerra (RODIER, 2013). Estamos perante um paradoxo civilizacional. Tendo em conta que os movimentos migratórios são motivados pela busca de melhores condições de vida, ou pela fuga a circunstâncias desfavoráveis de natureza étnica, política e religiosa, os abismos em causa implicam ainda categorizações e divisões sociais associadas a questões de racismo, intolerância e xenofobia. Objetivamente falando, existe uma hierarquia posta em relevo entre diferentes pertenças étnicas, religiosas, culturais, de classe social, quando um indivíduo ou grupo cruza uma fronteira territorial. E o significado dessa travessia não é o mesmo para indivíduos pertencentes a grupos diferentes. Ou seja, à universalidade das leis supostamente universais (como os Direitos Humanos na sua gênese técnica e filosófica), opõe-se o relativismo cultural e a desigualdade social que não dão igual valor à vida e narrativa de vida de todo e qualquer cidadão do mundo.

É importante sublinhar estas divisões e desigualdades agudizadas pelas políticas internacionais de migração contemporâneas - que se assemelham a uma ‘necropolítica’ balizada pelo lema ‘fazer morrer, deixar viver’ (MBEMBE, 2003) -, quando nos debruçamos sobre uma ‘cultura biográfica’ na qual a presentificação pública de Si e da individualidade podem-se massificar através dos novos meios tecnológicos de comunicação.

É certo que as novas formas de comunicação que permitem a rápida e vasta difusão de informação à distância de um clic, representam uma forma de democratização social favorável à expressão pública de pessoas comuns. Igualmente, a acessibilidade dos próprios dispositivos técnicos a um número crescente de usuários de todas as classes sociais e económicas facilita essa mesma expressão,

nomeadamente através das redes sociais. Mas a 'tendência biográfica' de que fala Renders et al (2017), é sobretudo relevante pelo contributo substantivo que os 'objetos biográficos' trazem a uma capacidade crescente das ciências sociais e humanidades em reconhecê-los. Se no início do século XX as experiências de vida e expressões privadas (como cartas ou diários) de imigrantes polacos nos EUA permitiram a William Thomas e Florian Znaniecki (1918-25) edificar a sociologia qualitativa na Universidade de Chicago, e se as suas inquietações teóricas e sociológicas se relacionavam com desigualdades estruturais reveladas na imigração e junto de imigrantes nas sociedades europeias e norte-americanas de então, o estatuto epistemológico dos 'dados biográficos' é hoje mais comumente aceite e valorizado por várias disciplinas e correntes intelectuais.

O fim do império do positivismo e a reabilitação da hermenêutica permitiram o reconhecimento de novas fontes de produção de conhecimento que contemplam a narratividade e subjetividade. Wilhelm Dilthey, no início do século XX, já havia contribuído decisivamente para legitimar a interpretação hermenêutica e edificar uma corrente interpretativa que inclui, de forma importante e determinante para o nosso argumento, as próprias relações interpessoais como fonte de conhecimento. Segundo Dilthey (1985), as experiências vividas são a base da compreensão humana e os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e compreensões constituem o próprio fundamento e ação da ciência hermenêutica. Neste contexto teórico, a antropologia é a disciplina que mais incorporou a função hermenêutica nos seus propósitos científicos e meios. Tal como Geertz afirmou, trata-se de uma ciência interpretativa em busca de significados (GEERTZ, 1994), que lê a cultura como um texto e conta as histórias encontradas nos terrenos de pesquisa. Ora, se a base narrativa do tra-

balho etnográfico é bem assente e legitimada, o suporte relacional do trabalho de recolha e análise dessas mesmas narrativas, ainda não o é da mesma forma. Assim, à aceitação da interpretação hermenêutica e da textualidade do trabalho etnográfico, falta acrescentar a sua dimensão relacional na própria produção de sentidos localizados nos terrenos e sujeitos de pesquisa. Mais do que isso, falta incorporar e legitimar cientificamente a dimensão processual dessa relação e produção conjunta de sentidos. Estes têm manifestamente impactos formadores, transformadores e de reconhecimento equivalentes aos identificados por Gaston Pineau na corrente das histórias de vida em formação (PINEAU, 1996), o que se revela muito importante num contexto de pesquisa de terreno como o das migrações contemporâneas marcado por divisões abissais e intolerâncias.

Somos seres narrativos (ARENDDT, 1958 [2001]), e seres interpretativos (TAYLOR, 1985). Não existe significado independente de interpretações concretas (RICOEUR, 1983), e a função significante exerce-se num tempo histórico sempre marcado pelas possibilidades narrativas disponíveis (gramáticas acessíveis e repertórios possíveis de serem enunciados em cada momento). Por outro lado, como também lembra a antropologia, todos os sujeitos sociais e culturas não partilham o mesmo acesso à palavra no espaço público, nem a mesma conceção do Eu, nem a mesma competência e autoridade reconhecida para falar de Si (FABRE, JAMIN, MASSENZIO, 2010). Logo, importa conhecer de perto as 'identidades narrativas' das pessoas concretas com quem podemos aprender sobre os temas de investigação que escolhemos analisar.

De par com o interesse realista nos significados concretos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, encontramos na corrente interpretativa uma perspectiva oposta ao co-

nhecimento entendido como racionalidade técnica. Há artificialismo no formalismo científico, e falta de espírito crítico no entendimento do conhecimento como informação neutra ou imparcial. Mas não há que “deitar fora o bebê com a água do banho” negando a ciência. Há, sim, que trazer para o conhecimento científico produzido em contexto de pesquisa os suportes analíticos da vida social que dela normalmente são excluídos por serem subjetivos, intersubjetivos e substantivos. Neste movimento se abre o espaço à utopia concreta (BLOCH, 2000), entendida como abertura ao diálogo na diferença, criando possibilidades de humanização da própria produção de conhecimento.

O que traz de relevante, então, o enfoque interpretativo das narrativas biográficas e autobiográficas ao estudo das migrações?

Conhecimento permeável e perspectiva biopolítica das migrações

A defesa da ‘autonomia do método biográfico’ foi encabeçada por Franco Ferrarotti no início dos anos 1980, com base na natureza ideográfica e histórica do material narrativo e relacional que consubstancia a pesquisa biográfica. Ferrarotti permanece uma referência central nesta compreensão da esfera do biográfico como ponto nodal (‘praxis sintética’) entre as dimensões coletiva e singular da vida social. As vidas e histórias de vida ou narrativas biográficas de pessoas concretas, neste sentido, não são apenas ‘textos’ sobre os quais a ciência se possa debruçar para exercer o seu poder cognitivo e hierárquico na sociedade racionalista, mas sobretudo pontos de partida e pretextos desinteressados para um diálogo humanizado e para novas formas de produção de conhecimento assentes em relações menos formatadas pelas funções sociais dos sujeitos (papéis sociais), e mais pelo potencial de interconhecimento

entre sujeitos diferentes. Ferrarotti afirma: “A pesquisa biográfica é muito mais do que trabalho sociológico com dados ‘biográficos’. É uma ação “cívica desestabilizadora” (FERRAROTTI, 2014, p. 18) pois socializa o poder entre participantes com diferentes estatutos e funções. A pesquisa biográfica mostra o quanto o seu conhecimento só pode ser produzido com os interlocutores de terreno (seus *interactores*, como diz o autor), e como a produção de saber é sempre situada, híbrida, não pura, tanto mais quanto mais heterogêneas forem as populações e culturas em presença. O contato direto com pessoas e grupos concretos com quem trabalhamos torna-se uma relação na qual o/a pesquisador é tão questionado quanto os participantes da pesquisa. Com efeito, a interação recíproca entre todos os sujeitos implicados incorpora-se nos objetos da pesquisa biográfica. Trata-se de uma relação interpessoal centrada no olhar conjunto e dialogado sobre as representações de cada um sobre a identidade do outro, pondo em prática uma socialização do poder. Em tal socialização encontramos o meio através do qual se concretiza a biopolítica das migrações, entendida como reconhecimento do valor das vidas dos sujeitos sociais, na linha do pensamento de Michel Foucault sobre biopoder (FOUCAULT, 1976). Para Ferrarotti (2014), é desta forma que a pesquisa biográfica pode rever os termos da relação do humano com o humano, e, ao mesmo tempo, rever o significado profundo e a vocação social da sociologia enquanto elaboração científica da condição humana (FERRAROTTI, 2014). Na prática, isto leva à integração de uma dimensão processual central na epistemologia e métodos da pesquisa biográfica, bem como à sua inevitável inserção nos contextos concretos de pesquisa que não a deixam aceder ao registo da certeza e previsibilidade totais.

Identificamos três características nesse trabalho de investigação etnográfica com e so-

bre histórias de vida e narrativas biográficas junto de populações migrantes e refugiadas: uma horizontalização da comunicação entre narradores e narratários decorrente da respectiva humanidade partilhada; um interconhecimento e aprendizagem recíproca; o exercício de uma escuta e respeito frequentemente ausentes da vida quotidiana ou de contextos regulatórios da vida social (serviços públicos, escolas, hospitais, polícia, tribunais). Se há obviamente limites inerentes a este tipo de trabalho (como aliás a qualquer outro tipo) em resultado dos dispositivos técnicos utilizados, das estruturas de poder que sempre permeiam as relações humanas e aqui não desaparecem, e das próprias narrativas como textos e pretextos improvisados, o seu potencial e relevância não ficam comprometidos.

É nesse sentido que consideramos o saber aqui produzido como sendo conhecimento permeável, pois não só permite a abertura a novos espaços de significação e diálogo social sobre as realidades das migrações e dos migrantes, como incorpora a própria consciência dos seus limites no processo de produção de saber sobre os temas em pauta. Ora, este aspeto é de suma importância para uma epistemologia cívica e ciência pública como a que advogamos para a pesquisa biográfica nos estudos migratórios. Com efeito, o conhecimento permeável em questão põe em prática, de forma muito concreta, a dimensão cívica da pesquisa biográfica com e sobre migrantes, o que cumpre a função humanizadora da mesma, finalmente traduzível em transformação social e das consciências. Ao contarmos e ouvirmos histórias reais de migração, aproximamos no plano simbólico e das relações sociais, os mundos diferentes separados pelas linhas abissais já referidas.

Do ponto de vista teórico, este conhecimento permeável dá corpo e nome à coerência que encontramos entre o ideal de justiça

social/justiça cognitiva/respeito dos direitos e dignidade dos migrantes e refugiados, e o trabalho de pesquisa em contextos migratórios. Na prática, ele permite conhecer e reconhecer as narrativas, experiências e protagonistas das migrações numa relação que implica diálogo entre diferentes sujeitos e posições de sujeito na sociedade das migrações. Quem diz o quê, a quem, como, porquê, para quê, em torno de experiências biográficas e autobiográficas de migração, ocupa um lugar de autoria e de responsabilidade narrativa (que é sempre social) a reconhecer. Dessa forma, dar ouvidos ou não a tais narrativas e experiências, significa reconhecer ou não os seus narradores e protagonistas, mais para além de um entendimento meramente materialista (de luta por recursos disponíveis) das relações humanas. Tal como já exposto num texto anterior (LECHNER, 2010), este reconhecimento entendido como conceito desenvolvido pela teoria crítica de Axel Honneth, traduz uma autêntica “gramática moral dos conflitos sociais” da sociedade contemporânea. Assim, na base dos conflitos sociais, encontra-se o não-respeito das expectativas de reconhecimento dos seres humanos. No caso do trabalho biográfico com populações vulneráveis socialmente ou perante a lei, esta dimensão moral do reconhecimento é evidenciada logo ali, nos momentos de solicitação de narrativas e diálogos realizados com os/as pesquisadores/as. Mas também no momento da escuta e da abertura às suas versões da história.

No seu contributo ao livro resultante de um dos projetos aqui em consideração², Joana Sousa Ribeiro, sublinha a dimensão pública deste reconhecimento, indicando como o “caráter dialógico e crítico da pesquisa biográfica

2 Pesquisa das migrações abordagem biográfica: construindo um trabalho em colaboração no contexto português”, coordenada por Elsa Lechner no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra entre 2011 e 2014. PTDC/CS-ANT/111721/2009-FCOMP-01-0124-FEDER-014442.

representa um desafio numa abordagem não só compreensiva e interpretativa, mas também ético-política, de processos de reconhecimento da dignidade humana, principalmente quando o que está em causa possa constituir um regime de atribuição de subalternidade.” (RIBEIRO, 2015, p. 261).

O reconhecimento compreensivo e ético-político das narrativas produzidas em contextos de pesquisa com migrantes, implica a entrada em contacto e criação de um espaço de encontro entre os ‘regimes de verdade’ diferentes em confrontação (entendida como sendo construtiva) entre narradores e narratários. O reconhecimento desta possibilidade de construção não visa negar a existências de conflitos, confrontações menos construtivas, e impossibilidades de diálogo e narrativas. Visa, antes, reconhecer um leque alargado de potencialidades menos agonistas ou niilistas como os que facilmente se captam no ar dos nossos tempos. É o que chamamos de biopolítica das migrações, na sua vertente prática: a validação e valorização das experiências de vida dos migrantes e refugiados na produção de conhecimento conjunta, útil à sociedade como um todo. Uns não sabem mais do que os outros, mas em conjunto, todos podem contribuir para a transformação do estado das coisas, um estado agonista e beligerante.

Em termos práticos, os projetos que temos vindo a desenvolver junto de migrantes revelam que o reconhecimento acontece em três instâncias do trabalho biográfico. Referimo-nos aqui especificamente a sessões de trabalho em grupo, nas quais os participantes aceitam contar e socializar as suas histórias de migração. Fizemos esta experiência com grupos de imigrantes em Portugal³, e com portugueses emigrados nos EUA⁴, e descendentes

de emigrantes em França⁵: reconhecimento, consciência, e respeito.⁶ O *reconhecimento* assenta na identificação e nomeação dos contextos particulares de produção das narrativas dos nossos interlocutores: seus determinantes legais, sociais, e estatutos existenciais (os participantes deixaram um país em concreto, em condições particulares, encontrando-se numa situação específica no momento de partilha com a equipa de pesquisa, carregando desejos e projetos). Ao participarem nas rodas de conversa propostas, tornam-se então *conscientes* das intenções em jogo, e de como estas últimas formatam as interações: se são de regulação (nunca é o nosso propósito), de diálogo, reciprocidade, compromisso cívico, responsabilização social, participação. Finalmente, o *respeito* do Outro na sua singularidade e diferença surge ou acontece num movimento recíproco de compreensão e diálogo no qual trocas existenciais, aprendizagem mútua, reconciliação e construção de uma cultura da paz acontecem de fato. Desta forma, o reconhecimento da singularidade de cada um, conduz à consciência e respeito frequentemente ausentes na vida quotidiana dos migrantes. Este efeito pode ser mais ou menos imediato nas rodas, em função da permeabilidade de cada participante. Assim, o próprio interesse ou investimento pessoal que os participantes de uma pesquisa biográfica implicam na sua participação, também revela uma co-responsabilização no aproveitamento cívico e social da situação de pesquisa. Da esfera da investigação fundamental, as narrativas e experiências de vida – os saberes de experiência – passam assim a atuar na esfera do exercício da ci-

5 Projeto “Na Ponta da Língua: Histórias, Memórias e Inovação na Emigração”, CES-Fundação Calouste Gulbenkian, 2017-2018.

6 Esta reflexão vem ocupando a autora há vários anos, mas foi recentemente publicada seguindo esta sequência analítica no artigo “Migrant’ Lives Matter: Biographical Research, Recognition, and Social Participation, Contemporary Social Science Journal, abril 2018.

3 Ref. PTDC/CS-ANT/111721/2009-FCOMP-01-0124-FEDER-014442

4 Projeto Fulbright 2014/2015, Brown University e Rutgers-Newark University, e IF/00107/2013.

dadania. Perante esta constatação, a proposta da filosofia hermenêutica contemporânea desenvolvida (e praticada) por Richard Kearney (2015), revela-se particularmente pertinente, conduzindo a efeitos práticos de cumprimento da utopia concreta adiantada no título deste texto. Este filósofo explica que a troca simbólica ocorrida numa situação de diálogo entre pessoas pertencentes a grupos em conflito, é o exemplo paradigmático dos efeitos construtivos da hermenêutica carnal (MARCELO, 2017). As situações deste diálogo que podemos apelidar de radical, realizam a cura histórica e possibilidade de transformação onde, antes, havia discórdia e impasse civilizacional.

No horizonte de uma utopia concreta: narrativas biográficas, intercâmbios narrativos e existências que se escutam

A pesquisa biográfica é particularmente pertinente na compreensão e análise das formas concretas de expressão das identidades produzidas por interlocutores de terreno. Estes são por ela entendidos como sujeitos de diálogo, independentemente dos limites dos contextos de comunicação das situações de pesquisa biográfica. Neste sentido, os interlocutores são sujeitos de interação nas nossas pesquisas, sendo as suas singularidades e saberes específicos validados, valorizados e reconhecidos (LECHNER, 2009). Uma transição “da hostilidade à hospitalidade” torna-se possível através da troca de estórias (KEARNEY, 2009), via um intercâmbio narrativo de versões privadas da História. Nesta troca, a humanidade das duas partes do diálogo passa a ser contactada numa dinâmica de diálogo. Os participantes desta conversa aprendem a ouvir-se de forma mais pausada e respeitosa, fora dos automatismos cognitivos da vida quotidiana. Os efeitos observados nesta troca, são o que-

brar de barreiras materiais e simbólicas, quebrar ciclos de violência simbólica e material, intolerâncias, permitindo a co-construção de novas narrativas sobre as experiências e uma versão conjunta da história.

Tal como mostram Hans Renders, Binne de Hann and Jonne Harmsma (2017), não é apenas “o actor humano no palco” que é posto em evidência pela pesquisa biográfica (o que só por si já seria relevante nos contextos migratórios); são também - e de forma muito importante-, os atores sociais enquanto sujeitos históricos que se tornam participantes ativos da transformação social ou construção histórica, pondo ao serviço do coletivo as suas experiências privadas.

Através das suas teorias e métodos, a pesquisa biográfica reveste-se da capacidade de dignificar os sujeitos, sendo um dos poucos tipos de investigação que não objectifica os seus interlocutores. Ela incorpora a subjetividade e inter-subjetividade das relações humanas no próprio processo de investigação (FERRAROTTI, 1981; LECHNER, 2011), sem nunca negar as relações de poder, diferenças de estatuto, ou diferentes posições de sujeito e recursos simbólicos em presença nas situações de comunicação. Nos estudos migratórios, as diferenças em cena são também culturais, o que aqui significa que a aprendizagem mútua é ainda maior, podendo resultar em transformação social ao nível micro (na esfera de alcance da pesquisa em causa), e em correção ou mudança histórica (HAMILTON, 2017) quando as versões oficiais da história não correspondem à verdade dos sujeitos.

Esta utopia pode ser entendida como uma pedagogia de intercâmbios narrativos e de representações. Ela implica a aprendizagem e prática de novas relações sociais mais marcadas pelo encontro e trocas simbólicas, e menos pela formalidade do exercício de ‘papéis sociais’. Julgamos que conseguimos atingir este grau de

inter permeabilidade no exercício da pesquisa biográfica, sobretudo quando trabalhamos em grupos, com oficinas biográficas ou rodas de conversa. Ao reunirmos voluntários em projetos de produção e socialização de narrativas de experiência migratória, estamos a fazer pesquisa participativa, à semelhança da pesquisa-ação proposta por Kurt Lewin no pós II Guerra Mundial (LEWIN, 1946). E cumprindo a coerência teórico-prática que procuramos através da pesquisa biográfica, consideramos que esta ação é mesmo uma necessidade no mundo de hoje, se não quisermos ser cúmplices de uma cultura da impermeabilidade e do conflito. O intercâmbio narrativo favorece o encontro de mundivisões e experiências da vida diferentes que, no nosso entender, não devem servir apenas o propósito intelectual de produzir um saber descritivo sobre o estado das coisas, mas assumir e incorporar os efeitos formadores e transformadores da pesquisa biográfica. Esta experiência foi feita por nós, e relatada também pelos vários interlocutores de terreno nos diferentes terrenos de migração estudados. Daí se conclui que a dimensão formativa, transformativa e de reconhecimento dos sujeitos identificada por Pineau há décadas, tem um efeito biopolítico no domínio das migrações, quando pesquisadores e participantes voluntários em projetos de investigação, aceitam ser transformados.

Conclusão

Este texto apresentou sucintamente uma reflexão sobre os diálogos teórico-metodológicos que a pesquisa biográfica oferece no estudo das migrações, no horizonte de uma aplicação concreta dos efeitos estudados pela corrente das histórias de vida em formação. No contexto dos estudos migratórios, nos quais a autora tem desenvolvido pesquisas biográficas colaborativas ou de participação de voluntários que aceitam contar as suas experiências de migração, tais efeitos têm um alcance social

relevante que se confunde com uma utopia concreta. Este traduz-se num conhecimento permeável que abre novos canais de comunicação e de relação entre sujeitos com estatutos sociais e legais diferentes (nacionais, migrantes, refugiados, requerentes de asilo). Conhecimento permeável que pode levar à transformação social através da consciencialização, respeito e reconhecimento.

Neste sentido o texto defende uma coerência teórico-prática da pesquisa biográfica no estudo das migrações. Com efeito, aquela não serve apenas para a produção de conhecimento científico, mas também, e de forma muito relevante, para a coprodução de saberes que refletem diversidades sociais dos sujeitos. Estas são tanto mais importante quanto o material trabalhado é substantivo, assente em experiências e narrativas biográficas de pessoas concretas voluntárias de nossas pesquisas.

Referências

- AGAMBEN, G. **O Estado de Exceção**. Tradução de Iraci D. Poleri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. Lisboa: Relógio de Água, 1958. [2001].
- BLOCH, Ernst. **The Spirit of Utopia**. Stanford, Stanford University. 2000.
- DILTHEY, W. **Selected Works**. MAKKREEL, R.A., RODI, F. (eds.). Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985.
- FABRE, D., JAMIN, J., & MASSENZIO, M. Jeu et enjeu ethnographiques de la biographie. Introduction. **Revue L'Homme**, Paris, MSH, 2010. p. 195-196, p. 7-21.
- FERRAROTTI, F. (1981). On the autonomy of the biographical method. In. BERTAUX, D. (Dir.). **Biography and Society: the life history approach in the social sciences**. London/Beverly Hills: Sage Publications, 1981. p.19-27.
- FERRAROTTI, F. **História e histórias de vida**. O método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução de Zuleide Cavalcanti. Natal/RN: EDURFN; São Paulo:

Paulos, 2014.

FOUCAULT, M. **Histoire de la Sexualité**. T1 La Volonté de Savoir. Paris: Gallimard, 1976.

GEERTZ, C. **The Interpretation of Cultures**. New York: Basic Books, 1973.

HAMILTON, N. Biography as Corrective. In. RENDERS, H., HAAN, B., HARMSMA, J. **The Biographical Turn: Lives in history**. London: Routledge, 2017. p. 15-30.

KEARNEY, R. & TREATOR, B. **Carnal Hermeneutics**. Perspectives in Continental Philosophy. New York, NY: Fordham University Press, 2015.

KEARNEY, R. **From hostility to hospitality**. Boston, MA. Website. 2009. Disponível em: www.guestbookproject.org Acessado em: 20 de fevereiro 2018.

LECHNER, E. La recherche biographique aujourd'hui : de science de l'incertitude à savoir ancrée. **Le Sujet dans la Cité**, Habiter en étranger: lieux, mouvements, frontières, Paris: Téraèdre (2), p. 214-226, 2011.

LECHNER, E. **O Essencial Sobre Migração e Conflito**. Angelus Novus: Coimbra, 2010.

LECHNER, E. **Histórias de Vida**: olhares interdisciplinares. Porto: Afrontamento, 2009.

LEWIN, K. Action Research and Minority Problems. **Journal of Social Issues**, New York, SPSSI, 2, p. 34-46, 1946.

MARCELO, G. Narrative and recognition in the flesh. An interview with Richard Kearney. **Philosophy & Social Criticism Journal**, London, Sage, v. 43 (8), p. 777-792, 2017.

MBEMBE, A. Necropolitics. **Public Culture**. Durham, NC: Duke University Press. 15 (1), p. 11-40, 2003.

Organização Internacional para as Migrações (OIM).

World migration report 2018. Geneva: OIM, 2017.

PINEAU, G. Les histoires de vie comme art formateur de l'existence. **Pratiques de formation/Analyses**, Paris, Université de Paris 8, 31, p. 65-80, 1996.

RENDERS, H. et al. **The Biographical Turn. Lives in History**. London: Routledge, 2017.

RIBEIRO, J. S. COMpartilhar Histórias de Vida: (inter) subjetividades, (inter)reconhecimentos e (I)migração. In. LECHNER, Elsa (Org.). **Rostos, Vozes e Silêncios**: uma pesquisa biográfica colaborativa com imigrantes em Portugal. Coimbra: Almedina, 2015. p. 246-264.

RICOEUR, P. **Temps et Récits I**. Paris : Seuil, 1983.

RODIER, C. **Xénophobie business**. À quoi servent les contrôles migratoires ? Paris: La Découverte, 2013.

SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, CES, 78, p. 3-46, 2007.

TAYLOR, C. Self-interpreting animals. Human agency and language: Vol 1. **Philosophical papers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 45-76.

THOMAS W. and ZNANIECKI F. **The Polish Peasant in Europe and America**. Monograph on an Immigrant Group. Boston: Badger, 1918-1925.

WORM, A. Civil war and the figurations of illegalized migration. Biographies of Syrian migrants coming to the European Union. In. ROSENTHAL, G. and BOGNER, A. **Biographies in the Global South**. Life stories embedded in Figurations and Discourses. Frankfurt: Campus Verlag, 2017. p. 160-184.

Recebido em: 20.01.2018

Aprovado em: 31.03.2018

Elsa Lechner é Investigadora Principal no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Foi Fulbright Visiting Scholar nas Universidades de Brown e Rutgers-Newark. Coordenadora do projeto "Na Ponta da Língua: Histórias, Memórias e Inovação na Emigração", co-financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. email: elsalechner@ces.uc.pt

Colégio de São Jerónimo, Ap. 3087, 3000-995 - Coimbra. Telefone: 239 855 570